

CAPA PÔSTER ESPECIAL

**AdUFRJ**

PROFESSORES DA UFRJ

Nº 1119 • março de 2020 • [www.adufrj.org.br](http://www.adufrj.org.br) • TV ADUFRJ: [youtube.com/adufrj](https://youtube.com/adufrj)

**DEMOCRACIA É SUBSTANTIVO FEMININO**



# EDITORIAL

## UM RIO DE CORAGEM FEMINISTA CONTRA A VIOLÊNCIA

### DIRETORIA

As águas de março fecham o verão que não houve e abrem o semestre letivo com a esperança de que a volta às aulas amplifique nossa voz. Temperaturas muito baixas para a estação, mas para a política nacional, o termômetro subiu alguns graus após as últimas movimentações do governo e do núcleo bolsonarista. Os desafios entreouvados do general serviram de mote para a organização de uma nova e perigosa onda de ataques à vida democrática do país. Não estamos diante de nenhuma novidade, considerando que o atual presidente já a havia afrontado brutalmente, quando teve a ousadia de homenagear um torturador diante de um congresso que não soube, não pôde, não quis responder à altura. De lá para cá, de modo ainda que combatido e insuficiente, nossas instituições tentam resistir a esse projeto autoritário, que apesar de não disfarçar seus

intentos, não tem conseguido fazer a cama como gostaria. Esse é o imbróglio que estamos vivendo.

Se olharmos os últimos passos desse desgoverno durante o recesso acadêmico, veremos que a intenção posta em gestos não deixa nenhuma dúvida de que estamos diante de uma ação sistemática para corroer e estrangular o princípio mais caro e precioso da vida universitária: a autonomia. Princípio esse que ganhou forma no artigo 207, e que vem sendo atacado por todas as vias disponíveis: medidas provisórias, como a 914, que trata da eleição para o reitor, ou as malfadadas portarias para controle e restrição de viagens, chegando ao limite de tentar antecipar os efeitos das propostas de emendas constitucionais que preveem a redução salarial do servidor público através de ofícios “alertando” os reitores para os riscos do não cumprimento da “regra de ouro”.

A guerra declarada à educação e aos professores só tem paralelo aos também persistentes ataques à imprensa e aos jornalistas. Mas aqui vale o des-



FOTOS: REPRODUÇÃO

IGUALDADE operárias francesas lutando por aumento salarial

taque especial para as jornalistas, que também têm sido alvo preferencial de impropérios e ameaças. Se voltarmos à cena inicial, aquela de 2016, quando o então deputado ousou homenagear um torturador, lembraremos que esta foi motivada pelo voto durante a sessão de votação do impeachment da presidente da República, que era uma mulher que no passado havia sido ela mesma vítima de tortura. O gesto violento e autoritário, covarde e irresponsável, já anunciava o grau de periculosidade de que um governo como esse poderia chegar. Mas nesse nosso estranho país da cordialidade, sempre é dado a gente como ele uma certa “condescendência”, que permite que esse tipo de “bravata” caia no anedotário geral da nação, desde que permita que tudo caminhe como sempre deveria caminhar.

E o que deve caminhar? O que se espera desse governo? A reforma administrativa e tributária, o desmonte da legislação e de toda a rede de proteção ao cidadão, e o que ainda sobrevive de

soberania nacional. Não é pouco o que está em jogo. E se tudo isso que está acontecendo demonstra que nosso edifício institucional é frágil, que nossas conquistas democráticas foram muito superficiais, e que nosso congresso é pouco consciente de seu papel (para dizer o mínimo), só reforça a ideia de que apesar dos descréditos e cansaços, o caminho a seguir não poderá ser outro que não o de reconstruir, reorganizar, redemocratizar o país. Não se trata de defender instituições encarquilhadas e burocratizadas, mas de refazê-las com a força das ruas, da vida e da organização da sociedade.

Por tudo isso, o 8 de março se reveste uma importância cada vez maior. A velha e carcomida sociedade patriarcal, que é a mais pura expressão da velha ordem escravocrata e colonial, insiste em não morrer. Mas nós persistiremos e demonstraremos que já não há lugar para eles nesse mundo. Marcharemos pela vida, pela democracia, pela liberdade.



SUFFRAGETTES mulheres lutam pelo direito ao voto nos EUA

**9 DE MARÇO 17 HORAS**  
CONCENTRAÇÃO NA CANDELÁRIA

**DIA INTERNACIONAL DE LUTA DAS MULHERES**

PELA VIDA DE TODAS AS MULHERES, POR DEMOCRACIA,  
CONTRA A RETIRADA DE DIREITOS, UM RIO DE CORAGEM FEMINISTA  
CONTRA A VIOLÊNCIA E OS GOVERNOS FASCISTAS

**8M RJ**

### AGENDA

**12/03 13H30**

**ASSEMBLEIA MULTICAMPI**

Locais: Fundão, Praia Vermelha e Macaé

**18/03 16H**

**GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO**

Concentração na Candelária, Centro do Rio

# MEC amplia desigualdade com novo modelo de bolsas

> Cortes no orçamento da Capes acentuam distorções com a mudança dos critérios de distribuição de bolsas. Embora pretenda privilegiar áreas pobres, regra, na prática, pode sufocar programas 3 e 4

LUCAS ABREU  
lucas@adufrrj.org.br

No fim de fevereiro a Capes anunciou mudanças na política de concessão de bolsas de pesquisa, que acabaram criando uma contradição. Pelos novos critérios, além da nota na avaliação da Capes, também será considerado o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal das cidades onde estão os programas de pós-graduação. A nova regra indica que um programa de pós-graduação localizado em área com IDHM mais baixo teria o dobro de bolsas de um semelhante em cidade com índice maior. Ocorre que um levantamento feito pela Folha mostrou que 95% dos programas de pós estão em cidades com IDHM classificado como alto ou muito alto, e os demais 5% não atendem aos requisitos necessários para receber as bolsas.

A expectativa é de reduzir a desigualdade do volume de recursos destinados entre regiões mais ricas e mais pobres do país. Mas no atual cenário de desmonte da educação e da pesquisa, a medida oferece riscos. A Capes prevê para 2020 um orçamento R\$ 1,1 bilhão menor que o do ano passado, que já teve a suspensão de 7.590 bolsas. O temor é que no médio prazo os novos critérios inibam a utilização de recursos mesmo para programas de excelência.

Para a presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos, a questão central da discussão é o orçamento. “Se o problema do financiamento não for resolvido, vai ser apenas uma gestão da escassez”, avalia Flávia Calé.



FOTO: ADUFRJ

PROGRAMAS DE PESQUISA podem ser penalizados com corte de recursos e novo critério para bolsas

Para a pesquisadora, o cenário pode acentuar a concentração de bolsas em programas com nota 6 e 7. “Existem programas com conceito 3 e 4 que são importantes para qualificar profissionais, especialmente da área pública”, disse. “Não são pesquisas de ponta, mas têm um papel importante no desenvolvimento econômico local”, defende.

Para a ANPG, a redução de recursos para pesquisa tende a asfixiar programas com notas 3 e 4. “Quando houve o corte



**Se o problema do financiamento não for resolvido, vai ser apenas uma gestão da escassez**

FLÁVIA CALÉ  
Presidente da ANPG

das 7.590 bolsas ano passado, a região que proporcionalmente mais perdeu recursos foi o Nordeste”, lembra Calé.

Outra decisão do atual governo que pode prejudicar novos programas de pós-graduação foi anunciada em junho passado. Uma portaria da Capes determinou que os programas só receberão bolsas de pesquisas a partir do seu segundo ano de funcionamento.

De acordo com o superintendente Acadêmico de Pesquisa da Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UFRJ, professor José Luis da Silveira, ainda não é possível saber os impactos das mudanças. “A Capes iria divulgar no último dia 28 a relação de bolsas, mas não o fez”, conta.

“Os novos critérios foram anunciados depois que a seleção já havia sido feita.”

Para o superintendente, haveria dois motivos para ficar otimista em relação à distribuição de bolsas para a UFRJ. O primeiro é que, de acordo com a Capes, nenhum programa vai perder mais de 10% de suas bolsas. O segundo é que a cidade do Rio está na faixa de IDHM alto, a segunda maior. Mesmo assim, o cenário é preocupante. “Em um governo que estava decidindo políticas para pesquisa de maneira tão autoritária, as medidas acabam sendo suavizantes”, explica. “Pelos termos, a concessão de bolsas pode ser revista pela Capes, então o que acontece se não houver orçamento?”, questiona.

O coordenador-geral da Associação de Pós-Graduandos da UFRJ, Igor Alves Pinto, vê as mudanças com preocupação.

“Como fazer um planejamento desses se a cada ano o orçamento diminui?”, indaga o pesquisador. “Sem mencionar que já são sete anos sem reajustes das bolsas de pesquisa, o que gera uma grande desvalorização do trabalho do pós-graduando”.

No dia 18, a APG e a ANPG estarão juntas na greve geral da Educação contra os ataques à área. As principais reivindicações são: o reajustes das bolsas, a reativação das bolsas cortadas em 2019 e a recomposição do orçamento da Capes. “Queremos construir um ato unificado também com a AdUFRJ e o Sintufrrj, em defesa da Educação”, diz.

## CONSELHO DE REPRESENTANTES PÕE GREVE EM PAUTA

“É nossa primeira reunião do Conselho dos Representantes, nesse que parece ser um dos anos mais difíceis das últimas décadas da história do Brasil.” Com essa fala a presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller, abriu a reunião do Conselho de Representantes de 2020, que aconteceu na quarta-feira (04) no Centro de Tecnologia. A reunião foi dedicada a debater as ações para a assembleia de professores que acontece no próximo dia 12, e a greve nacional da Educação, marcada para 18 de março. Na fala de abertura, Eleonora lembrou dos últimos ataques do governo à educação, no final de 2019, e mencionou a importância dos representantes na mobilização dos professores para uma ampla participação na

assembleia da categoria. A reunião contou com a presença de mais de 30 conselheiros. Boa parte do tempo foi dedicada à discussão sobre a greve. O principal ponto de divergência foi em relação à adoção da paralisação sem tempo determinado. Um grupo de professores defendeu essa posição, lembrando do histórico de lutas dos professores universitários, e da necessidade de radicalização da luta. “Estamos enfrentando um desmonte da educação em tempos de um governo como o de Bolsonaro. É preciso enfrentar de frente”, disse a professora Fernanda Vieira, do NEPP-DH. Outro grupo achou precipitado falar em greve por tempo indeterminado agora, considerando mais importante definir a de-

fesa da educação como pauta central para a greve do dia 18. A ideia seria pensar novas estratégias de mobilização e lutar num momento posterior. “Este governo é diferente de tudo que já enfrentamos. É preciso pensar em novas maneiras de mobilização”, defendeu o diretor da AdUFRJ Josué Medeiros. Mesmo diante de divergências, houve consenso sobre a importância da assembleia e da greve geral do dia 18 para a mobilização dos professores. “Apesar das diferentes posições, a reunião foi muito positiva por mostrar a convergência dos professores com relação à greve do dia 18, e a sua importância para a construção do movimento”, analisou a presidente da AdUFRJ. (Lucas Abreu)



LUCAS ABREU

DEBATE professores discutiram ações para mobilizar os colegas

# BEM-VIND@S!

ELISA MONTEIRO  
elisa.monteiro@adufjrj.org.br

**N**ão há adversidade que tire o brilho da chegada dos calouros. A universidade se agita nos dias das matrículas. Centros Acadêmicos, Atléticas e o Diretório Central (DCE-Mário Prata) acampam nos arredores para recebê-los. Os novos rostos estampam as esperanças e as inseguranças em relação ao futuro. A ocasião é o primeiro contato de muitos jovens e suas famílias com o ensino superior.

Para o primeiro semestre de 2020, a UFRJ recebeu 4.962 novos estudantes. Foram 2.467 vagas da ampla concorrência e 2.495 destinadas às ações afirmativas. As matrículas dos cotistas foram realizadas nos dias 3 e 4. No dia 5, foi a vez dos demais estudantes.

A AdUFRJ ouviu dez estreantes de nove cursos sobre suas expectativas em relação à UFRJ e às carreiras escolhidas. A abordagem foi realizada no primeiro dia de matrículas com alunos autodeclarados afrodescendente e hipossuficientes. Alguns já fazem as contas de horas de sono a menos estudando. Ou, no transporte público para chegar à faculdade.

As notícias de vacas magras não passam despercebidas pela nova geração. Nem o atual desprestígio do conhecimento universitário. O sonho de fazer pesquisa é expresso mais de uma vez em tom de incerteza. “Nesse Brasil, não sei como fica”, diz a caloura Enaura Rangel.

Mesmo assim, o balanço geral é positivo com poucas opiniões sobre “os pontos fracos da universidade”. “Ainda não encontrei!”, encerra o assunto sorrindo, Alana Catarina, a futura assistente social, logo após finalizar sua matrícula.



**ADALTO LIMA**  
Enfermagem

■ O técnico em enfermagem deseja explorar as possibilidades da carreira acadêmica. “Pesquisa, docência”, planeja. A primeira impressão de onde vai estudar foi positiva: “Não tem cheiro de hospital!”, brinca. A maior preocupação é o deslocamento. “No mínimo uma hora e meia para vir e uma hora e meia para voltar”.



**ALANA CATARINA**  
Serviço Social

■ Formar-se bem para atuar como assistente social é o sonho de Alana Catarina. “Espero que me identifique com o curso que escolhi”, diz. O curso noturno atende a outro desejo: conciliar trabalho e estudo. “Acredito que esse será o principal desafio para mim. Pontos fracos da UFRJ ainda não encontrei!”, acrescenta.



**GISELLA ALVES**  
Direito

■ No espírito da gíria “sem tempo, irmão”, a futura advogada optou pela Faculdade Nacional de Direito mirando o mercado de trabalho. “Quero fazer concurso público o mais rápido possível”, declara. Ex-aluna do Colégio Pedro II do Engenho de Dentro, ela teme dificuldades de “infraestrutura da educação pública”.



**ENAURA RANGEL**  
Biofísica

■ Jovem com gosto pela área de saúde, Enaura Rangel conta que sonha em ser pesquisadora. “A gente fica ansiosa com o pós-faculdade, né?”, pondera a caloura. “O Brasil está desse jeito, sem investimento em educação. A tendência da governação é sucatear a universidade”, avalia a futura aluna de Biofísica.



**JOÃO MARINS E DANIELE CHAGAS**  
Arquitetura e Urbanismo

■ Diretamente do curso técnico em edificações do Cefet, a dupla de amigos agora se prepara para ocupar a FAU. Ele destaca as políticas afirmativas da UFRJ. “As medidas de inclusão daqui são fortes”, avalia positivamente. Já Daniele cita a pesquisa da universidade como um dos fatores diferenciais em relação às demais instituições de ensino superior.



**GABRIEL FONSECA**  
Ciências Matemáticas e da Terra

■ O calouro do CCMN ingressa no curso visando uma chance para chegar à Ciência da Computação. O morador da Maré aponta como possível obstáculo para sua formação a falta de investimento público. “Talvez o curso não receba a verba que precisa para se manter. O governo não se preocupa com isso”.



**GABRIEL COTA**  
História

■ Embora a pesquisa tenha prestígio, o interesse de Gabriel Cota na História é “dar aula”. Ansioso, o universitário já conheceu e aprovou as instalações: “Combina muito com o curso!”. Para ele, o que deixou a desejar foi a recepção. “Tanto as informações como o acolhimento poderiam ser melhores”, acredita.



**ALEX CÍCERO**  
Engenharia da Computação

■ O reconhecimento do mercado de trabalho é a expectativa do futuro engenheiro da Escola Politécnica. “Eu decidi pela UFRJ porque ela é grande referência na minha área”, justifica o calouro. Em sua visão, a maior dificuldade que enfrentará será a distância entre o Fundão e sua casa, em Realengo.



**BEATRIZ SANTANA**  
Letras

■ “Só de dizer que entrei aqui, passei numa entrevista. O nome da UFRJ é muito forte”, diz. Como ponto fraco, elege a burocracia. “A gente já passa tanto sofrimento para ter direitos reconhecidos, a universidade poderia ser melhor”, critica. Como exemplos citou a comprovação de renda e a etapa de heteroidentificação.

FOTOS: ELISA MONTEIRO

## PREFEITURA LISTA MELHORIAS

■ A Prefeitura Universitária informa como está se preparando para receber os novos e antigos alunos na universidade. Apesar dos cortes no orçamento, o prefeito Marcos Maldonado listou uma série de melhorias no campus Fundão para o reinício das aulas. “Em primeiro lugar, a manutenção geral dos pontos de ônibus. Estão sendo todos limpos, com as telhas lavadas, pintados e em dia com a iluminação”, diz o prefeito. O reforço na iluminação da Cidade Universitária, segundo Maldonado, faz parte de uma estratégia de

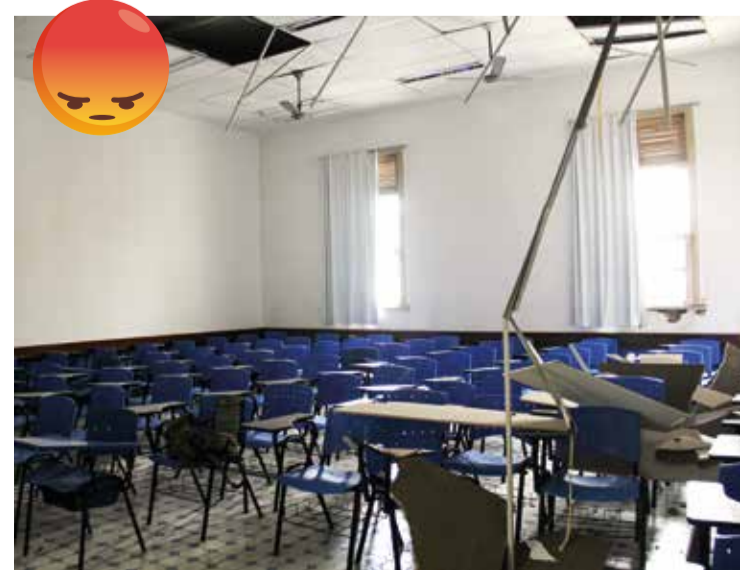
segurança que reduziu em 60% o registro de ocorrências – desde o início de seu mandato, em julho passado. O posicionamento das patrulhas policiais também foi alterado: “Vamos ter uma viatura parada em cada um dos seguintes pontos: entre o CT e a Letras; entre o CCS e a Educação Física; e outro entre o CT e o CCMN. Fora as que vão ficar circulando”. A expectativa é de circulação de sete a oito viaturas, informou o prefeito da UFRJ. Outra mudança considerada positiva foi a troca de empresa que presta o serviço de transporte universitário gratuito. “Diminuímos os intervalos e estamos atendendo com mais qualidade. Nós aumentamos a linha e a circulação está bem melhor”, afirma. “Os ônibus são melhores. Todos eles com ar-condicionado e contam com acessibilidade”, justificou a Prefeitura Universitária, as sinalizações de trânsito e limpeza do campus foram reforçadas para este início de semestre letivo. Ele ainda informou sobre a manutenção de 850 aparelhos de ar-condicionado, que devem dar um frescor às unidades da UFRJ.

rio gratuito. “Diminuímos os intervalos e estamos atendendo com mais qualidade. Nós aumentamos a linha e a circulação está bem melhor”, afirma. “Os ônibus são melhores. Todos eles com ar-condicionado e contam com acessibilidade”, justificou a Prefeitura Universitária, as sinalizações de trânsito e limpeza do campus foram reforçadas para este início de semestre letivo. Ele ainda informou sobre a manutenção de 850 aparelhos de ar-condicionado, que devem dar um frescor às unidades da UFRJ.

## UFRJ: NAS ALEGRIAS E NAS TRISTEZAS...

### FACULDADE NACIONAL DE DIREITO

Cenário de filme, a Biblioteca da Faculdade Nacional de Direito é uma referência para a área. “Além de estudantes e professores da casa, temos demandas de outras instituições. Inclusive estrangeiras”, revela, orgulhosa, a chefe da Biblioteca Fátima Madruga. O acervo conta com mais de cinquenta e cinco mil volumes, além de oferecer obras e documentos raros para pesquisa especializada. Mais de 80 mil usuários frequentaram a biblioteca so-



mente em 2019. Dividida entre um salão de leitura de acervo e outra para estudo de material próprio, a biblioteca é um espaço especial que mescla tecnologia com aconchego. “Graças ao sistema eletrônico de segurança, os alunos podem trazer seu próprio material para estudo”, explica a bibliotecária. No oitavo período, Luiza Mello se prepara para concurso público e para o exame da OAB, na biblioteca durante o recesso universitário. “Eu gosto muito daqui. Às vezes a gente vem só para ficar sentado nesse silêncio. É um lugar de muita paz.

Durante as aulas, fica cheia”, relata. A mesma unidade que tem uma biblioteca de referência internacional, sofre com a falta de estrutura. O teto do quarto andar desabou na madrugada do dia 11 de fevereiro. Três salas de aula ficaram impossibilitadas para o uso. E permanecerão interditadas até que haja recursos para a reparação. A unidade aguarda auxílio financeiro da reitoria. De acordo com o diretor da FND, professor Carlos Bolonha, não haverá atraso no início das aulas. “As turmas serão transferidas para os dois auditórios”, informa o diretor.

# Elas decifraram em tempo recorde novo coronavírus

> Pesquisa liderada por brasileiras conseguiu, em apenas 48 horas após o primeiro caso no país, desvendar o genoma do vírus que causou pânico mundial

GIULIA VENTURA  
giulia@adufrrj.org.br

Em meio à crescente desvalorização da ciência no país, duas mulheres brasileiras despontaram no mundo nos últimos dias. Elas são as cientistas que comandaram o sequenciamento do genoma do novo coronavírus, que recebeu o nome de SARS-CoV-2. O mapeamento teve fim no dia 28 de fevereiro, dois dias após a primeira confirmação de infecção na América Latina, que aconteceu em São Paulo. A rapidez em decifrar o novo vírus gerou um recorde no mundo, já que outros países têm levado em média 15 dias na divulgação dos resultados de seus sequenciamentos.

O trabalho foi conduzido por pesquisadores do Instituto Adolfo Lutz, do Instituto de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da USP e da Universidade de Oxford. Eles fazem parte de um projeto chamado Caddé, apoiado pela Fapesp e pelo Medical Research Centers, do Reino Unido.

Ester Sabino é diretora do Instituto de Medicina Tropical da USP e coordenadora do Brazil-UK Centre for Arbovirus Discovery, Diagnosis, Genomics and Epidemiology (CADDE), que desenvolve novas técnicas para monitorar epidemias em tempo real e ajudar o serviço de saúde. Em entrevista à BBC, a docente explica que a capacidade de sequenciar rapidamente um vírus, principalmente no início de uma epidemia, é muito importante



MULHERES NA CIÊNCIA Estudo foi comandado por Ester Sabino (esquerda) e Jaqueline de Jesus

para ajudar na tomada de decisões. “Vamos supor que apareça outro caso em São Paulo: se você tem a sequência, você pode responder com mais rapidez se o vírus já está circulando a nível local”, esclarece a professora.

Jaqueline Goes de Jesus é pós-doutoranda da Faculdade de Medicina da USP e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). De acordo com ela, é normal que, quando o vírus está se “instalando” no corpo de um novo hospedeiro, haja erros no processo de replicação de seu material genético. “São mutações que, ao acaso, podem causar tanto uma vantagem adaptativa quanto deixar o patógeno menos infeccioso”, explica.

Os dois casos brasileiros de infecção pelo novo coronavírus



Se você tem a sequência, você pode responder com mais rapidez se o vírus já está circulando a nível local

ESTER SABINO  
Diretora do Instituto de Medicina Tropical da USP

podem ser exemplos do que a pesquisadora aponta: o primeiro possui cepas semelhantes ao que foi sequenciado na região da Bavária, na Alemanha. E o segundo, traços similares aos encontrados na Inglaterra. Ambos diferentes das sequências de Wuhan, epicentro da epidemia. “Ao sequenciar o genoma do vírus, ficamos mais perto de saber a origem da epidemia. Sabemos que os casos confirmados no Brasil vieram da Itália, contudo, os italianos ainda não sabem a origem do surto na região da Lombardia, pois ainda não fizeram o sequenciamento de suas amostras”, diz. “Não têm ideia de quem é o paciente zero e não sabem se ele veio diretamente da China ou passou por outro país antes”, completa Jaqueline de Jesus.

## UFRJ firma convênio de restauro do Museu

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

A UFRJ assinou no dia 3 de março um convênio entre a Fundação Vale e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) para obras de reconstrução do Museu Nacional. O palácio foi destruído por um incêndio em 2018.

O investimento será de R\$ 50 milhões. O primeiro aporte deve ser de R\$ 13,8 milhões. Além desse valor, outros R\$ 114 milhões foram captados entre emendas parlamentares, verbas do MEC, do BNDES e da Alerj.

Serão três frentes de ação: restauração do palácio; implantação do Campus Cavalariças, com laboratórios e salas; e reforma da biblioteca e do horto botânico, ambos na Quinta da Boa Vista.

O prédio onde funcionava o Museu deve começar a ser reconstruído a partir da fachada e telhado. O prazo para término desta etapa é 2022. Na sequência, deve começar a restauração interna.

Pra a reitora Denise Carvalho, “a cooperação da Unesco e da Fundação Vale com a UFRJ é fundamental para a execução do projeto Museu Nacional Vive com excelência, seriedade e muita competência”. De acordo com Denise, a universidade quer devolver o Museu Nacional para a sociedade “o mais rápido possível”. “Estamos falando de uma das instituições científicas mais antigas do país”, completa.

Alexander Kellner, diretor do Museu, comemora: “Estamos muito felizes. Nunca é demais enfatizar que o Museu Nacional pertence a todos e que a sua reconstrução deve envolver diferentes segmentos da sociedade”. **Com informações das Assessoria de Imprensa da UFRJ.**

## ESPECIAL MULHER

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

Ser profissional e ser mãe. Dois papéis que poderiam ser complementares, mas que contornos de exclusão, especialmente no Brasil. Ou se consegue ser boa profissional, ou boa mãe, para o senso comum. A academia tem fama de assediado moralmente pesquisadoras grávidas. Um mapeamento realizado pelo projeto Parent in Science descobriu que as pesquisadoras demoram até quatro anos para retomar patamares de produção anteriores à maternidade. Já no mercado privado de trabalho, 48% das mulheres perdem o emprego após a licença-maternidade, segundo pesquisa da FGV.

As universidades, de maneira geral, ainda não têm espaços de acolhimento adequados às mães e seus bebês. “A estrutura para mães ainda é bastante incipiente”, avalia a professora Leticia de Oliveira, Titular da UFF e coordenadora do Grupo de Trabalho Mulheres na Ciência. “É raro achar um espaço no qual exista fraldário ou que seja adequado para amamentação”, exemplifica a docente.

Portaria do Ministério da Educação, de maio de 2017, garante o direito à amamentação nas instituições federais de ensino, mesmo se não houver equipamentos ou ambientes exclusivos para esse fim. “Muitas vezes, as mães ficam com seus filhos e filhas em situações precárias. Algumas instituições não permitem a entrada de mães com filhos nos restaurantes universitários e a presença de bebês em sala de aula não é regulamentada e depende da sensibilidade do professor”, relata a pesquisadora.

Apesar do longo caminho a seguir, é preciso reconhecer avanços, destaca Leticia. “Alguns institutos da UFF já possuem fraldários e políticas de apoio à maternidade têm sido discutidas na graduação e pós”.

Na UFRJ, a única unidade a possuir fraldário é a Faculdade de Letras. O espaço foi inaugurado em 2017 e está disponível para mães e pais estudantes, técnicos e docentes.

A creche, criada em 1981 como medida assistencial para filhos de professores e técnicos, mudou seu caráter em 2011. Uma resolução nacional fixou

# COMO A UFRJ TRATA A MATERNIDADE



> No mês da Mulher, a AdUFRJ investiga como as mães são acolhidas pela academia. Em pleno século XXI ainda falta estrutura para receber crianças pequenas. Instituições do Rio são pioneiras em políticas de incentivo às mães

ções estáveis em todas as áreas do conhecimento. Eleonora Ziller, presidente da AdUFRJ, viveu essa experiência. “O único momento da minha vida em que me vi diferente em relação aos homens foi quando tive meus filhos, porque precisei parar. E meus colegas, mesmo com filhos pequenos, da idade dos meus, mantiveram normalmente sua produção e pesquisas”, lembra.

Para além das licenças, é preciso “que ocorra uma mudança de cultura que incorpore a maternidade como uma atividade humana a ser contabilizada no mundo produtivo”, adverte a pesquisadora Leticia de Oliveira. Algumas iniciativas já estão sendo criadas. A UFF foi a primeira universidade a dar pontuação diferenciada no currículo de pesquisadoras mães recentes em edital para bolsas de iniciação científica. A Faperj realizou avaliações diferenciadas para mães em seus editais Cientista do Nosso Estado e o Jovem Cientista do Nosso Estado. A UFRJ em breve lançará um grupo de trabalho para pensar ações. “O CEPG deve discutir incluir pontuação diferenciada para pesquisadoras mães nos editais internos e PIBIC. Em breve teremos novidades”, conta a reitora Denise Carvalho.

normas de funcionamento de todas as escolas ou unidades de educação infantil vinculadas à administração pública federal. O documento apontava que a escola precisaria “oferecer igualdade de condições para o acesso e permanência de todas as crianças na faixa etária que se propõem a atender”. A partir de 2013, a EEL passou a oferecer acesso universal por meio de edital de sorteio público.

As ações da universidade em relação às mães, por ora, se limitam ao respeito às garantias estipuladas em lei. Professoras e servidoras, por exemplo, têm direito à licença-maternidade remunerada de seis meses. As estudantes de graduação têm assegurado o regime domiciliar pela Lei 6.202, de 1975. A legislação garante afastamento de apenas três meses, a partir do oitavo mês de gravidez. Pesquisadoras de pós, com bolsas da Capes ou do CNPq, têm a suspensão das atividades garantidas por 120 dias, para pós-parto ou adoção, com a manutenção da bolsa. Em 2018, a Faperj também adotou essa prática.

As ações podem contribuir para minimizar as desigualdades de gênero no mundo acadêmico. Estudo americano analisou a distribuição de homens e mulheres na ciência por 30 anos. A conclusão foi que mulheres com filhos têm 38% menos chances de atingirem posi-

### NO MUNDO

A política de apoio à maternidade nos países considerados desenvolvidos varia bastante. Nos Estados Unidos, por exemplo, a licença-maternidade remunerada não é garantida por lei. Há países, entretanto, que possuem uma política mais efetiva de apoio às mães. Na Finlândia, a licença parental é de 14 meses, e pode ser compartilhada com o pai. Na Alemanha, a licença remunerada é de seis meses, que pode ser prorrogar por igual período. Depois, é possível ampliá-la por até dois anos sem vencimentos. Na América Latina, Chile e Cuba oferecem 156 dias com 100% dos vencimentos.

## NOTAS

### PROFESSOR NELSON MACULAN RECEBERÁ HONORIS CAUSA EM PARIS

Ex-reitor da UFRJ, o professor Nelson Maculan receberá da Universidade Paris Dauphine o título Dr. Honoris Causa. A cerimônia está marcada para o dia 29 de junho, na Cidade Luz. Maculan esteve à frente da UFRJ entre 1990 e 1994. Hoje, é professor Emérito da universidade. Foi secretário de Ensino Superior do MEC e secretário estadual de Educação. Sua experiência acadêmica se concentra na área de Ciência da Computação, com ênfase em Matemática da Computação. O

principal foco de atuação está em otimização combinatória, programação inteira, programação linear, geração de colunas e otimização global. Este não é o primeiro título honorífico do mestre. O docente já foi agraciado por outras seis universidades: as federais do Piauí, do Ceará, de Lavras, a Universidade Ricardo Palma (Lima/Peru), a Universidade Paris-XIII (Paris/França) e a Universidade Nacional Maior de São Marcos (Lima/Peru). **Com informações do Portal UFRJ.**



COORDCOM/UFRJ

### UFRJ LIDERA COMBATE AO CORONAVÍRUS

Grupo de trabalho coordenado pelo professor Roberto Medroño elaborou uma cartilha sobre formas de prevenção ao novo coronavírus. A principal medida é lavar bem as mãos com água e sabão. Em caso de sintomas, o doente deve desinfetar com frequência superfícies e objetos tocados e cobrir boca e nariz ao tossir ou espirrar, com máscara descartável ou lenço de papel. O tratamento das formas graves da doença é o suporte clínico “precoce e eficiente”. Acesse: <https://bit.ly/2VQuJ74>.

### MORRE PROFESSOR FRANCISCO CORDEIRO FILHO

A AdUFRJ lamenta o falecimento do professor Associado Francisco Cordeiro Filho, no dia 28 de fevereiro. Docente da UFRJ desde 1968, Francisco era vinculado à Faculdade de Educação e atuava no setor de Prática de Ensino de Física. Ele foi Chefe de Departamento e Diretor da Faculdade de Educação. Era vice-coordenador do Laboratório de Pesquisa em Tecnologias da Informação e da Comunicação da doação é o suporte clínico “precoce e eficiente”. Acesse: <https://bit.ly/2VQuJ74>.

GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO

**ASSEMBLEIA DE DOCENTES DA UFRJ**

12 DE MARÇO QUINTA-FEIRA 13h30

 **JACARÉ PARADO VIRA BOLSA**

**PROFESSOR, A HORA É AGORA!**

FUNDÃO: Auditório G2 na Letras PRAIA VERMELHA: Salão Pedro Calmon  
MACAÉ: Pólo Universitário, bloco B, sala 309

AdUFRJ

GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO

**ASSEMBLEIA DE DOCENTES DA UFRJ**

12 DE MARÇO QUINTA-FEIRA 13h30

 **UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO**

**PROFESSOR, A HORA É AGORA!**


FUNDÃO: Auditório G2 na Letras PRAIA VERMELHA: Salão Pedro Calmon  
MACAÉ: Pólo Universitário, bloco B, sala 309

AdUFRJ

GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO

**ASSEMBLEIA DE DOCENTES DA UFRJ**

12 DE MARÇO QUINTA-FEIRA 13h30

 **A NECESSIDADE FAZ O SAPO PULAR**

**PROFESSOR, A HORA É AGORA!**


FUNDÃO: Auditório G2 na Letras PRAIA VERMELHA: Salão Pedro Calmon  
MACAÉ: Pólo Universitário, bloco B, sala 309

AdUFRJ

GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO

**ASSEMBLEIA DE DOCENTES DA UFRJ**

12 DE MARÇO QUINTA-FEIRA 13h30

 **PEIXE QUE NÃO NADA ENGOLE ÓLEO**

**PROFESSOR, A HORA É AGORA!**

FUNDÃO: Auditório G2 na Letras PRAIA VERMELHA: Salão Pedro Calmon  
MACAÉ: Pólo Universitário, bloco B, sala 309

AdUFRJ

GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO

**ASSEMBLEIA DE DOCENTES DA UFRJ**

12 DE MARÇO QUINTA-FEIRA 13h30

 **DO CÉU SÓ CAI CHUVA**

**PROFESSOR, A HORA É AGORA!**

FUNDÃO: Auditório G2 na Letras PRAIA VERMELHA: Salão Pedro Calmon  
MACAÉ: Pólo Universitário, bloco B, sala 309

AdUFRJ

GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO

**ASSEMBLEIA DE DOCENTES DA UFRJ**

12 DE MARÇO QUINTA-FEIRA 13h30

 **CAMARÃO QUE DORME A ONDA LEVA**

**PROFESSOR, A HORA É AGORA!**

FUNDÃO: Auditório G2 na Letras PRAIA VERMELHA: Salão Pedro Calmon  
MACAÉ: Pólo Universitário, bloco B, sala 309

AdUFRJ

> A AdUFRJ começou a campanha de mobilização para a greve nacional de 18 de março. O sucesso da paralisação depende da participação de cada docente. O primeiro passo é a presença na assembleia na tarde do dia 12. Participe!!!